

EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO HUMANA NAS OFICINAS INTEGRADAS EJA-UFF

¹ Universidade Federal Fluminense. Graduando do curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense.

² Universidade Federal Fluminense. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

³ Universidade Federal Fluminense. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, campus Rio Das Ostras.

⁴ Universidade Federal Fluminense. Doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Docente do Departamento Interdisciplinar - curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, campus Rio das Ostras.

⁵ Universidade Federal Fluminense. Mestranda em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Docente na Escola Municipal Mônica de Andrade Ribeiro.

⁶ Universidade Federal Fluminense. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

⁷ Universidade Federal Fluminense. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

⁸ Universidade Federal Fluminense. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

⁹ Universidade Federal Fluminense. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

¹⁰ Universidade Federal Fluminense. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

¹¹ Universidade Federal Fluminense. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Bruno Vale Nobre Batista¹

Yasmin Melo Santos²

Alessandra Daflon dos Santos³

Bruno Ferreira Teixeira⁴

Christiane Sheyla Magalhães de Mattos⁵

Abigail Rodrigues dos Santos Nepomuceno⁶

Aline Soares Teixeira Santos⁷

Emily da Conceição de Santana⁸

Iasmim Oliveira dos Anjos⁹

Paloma Vasconcelos de Queiroz¹⁰

Sulla Rodolpho Pinto¹¹

RESUMO

No artigo que se apresenta, relata-se uma experiência de extensão fruto da parceria entre uma escola municipal e a Universidade Federal Fluminense - Campus Universitário de Rio das Ostras (UFF-CURO). O projeto tem como principal objetivo promover novas relações de ensino-aprendizagem através do trabalho com oficinas, afirmando o protagonismo dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Utilizando alguns conceitos para descrever as oficinas como metodologia e nos inspirando no pensador e educador Paulo Freire, pensamos a educação como um espaço aberto de saberes e práticas que se encontram promovendo a necessária compreensão do sujeito como agente das transformações no mundo que o cerca. Nesse sentido, o presente artigo tem por finalidade relatar um pouco a história desta parceria, iniciada em 2017.

Palavras-chave: educação; educação jovens adultos; extensão; universidade

ABSTRACT

The paper that is presented reports an extension experience resulting from the partnership between a municipal school and the Universidade Federal Fluminense - Campus Universitário de Rio das Ostras (UFF-CURO). The main objective of the project is to promote new teaching-learning relationships by working with workshops, affirming the role of students in Youth and Adult Education (EJA). Using some concepts to describe the workshops as a methodology and inspired by thinker and educator Paulo Freire, we think of education as an open space of knowledge and practices that promote the necessary understanding of the subject as an agent of transformation in

the world around them. In this sense, the purpose of this paper is to tell a little about the history of this partnership, which began in 2017.

Keywords: Education, Youth and Adult Education, Extension, University

UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA

Este artigo tem como objetivo apresentar o relato de uma ação extensionista em uma instituição escolar. O projeto atualmente intitulado “Projeto EJA-UFF: ações em tempos de pandemia” é desenvolvido por alunos e professores da turma da Educação para Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Mônica de Andrade Ribeiro (E.M.M.A.R.)¹ em parceria com a Universidade Federal Fluminense – Campus Universitário de Rio das Ostras (UFF-CURO).

Em novembro de 2016, foi apresentado à direção e professores da escola um esboço do que viria a ser o projeto, sendo realizadas sucessivas reuniões para discutir e planejar todo o processo. Como metodologia, pensou-se no trabalho com oficinas, a fim de promover uma relação de ensino-aprendizagem diferente da sala de aula tradicional, mais horizontal, e que propiciasse a articulação de diferentes saberes e práticas, afirmando os alunos da EJA como protagonistas do seu processo de formação.

Observando as Diretrizes Nacionais para a EJA, que transitam no sentido de desenvolver ações culturais, respeito à diversidade, exercício da cidadania, integração da escola à cidade e estímulo à afetividade nas relações (MATTOS, 2016), as oficinas são entendidas

como dispositivos para promoção de um processo de formação que implique uma efetiva troca de saberes e experiências entre todos que delas participam. Entendemos as oficinas como dispositivos que têm como objetivo articular diferentes processos:

[...] de produção, reprodução e consumo ligados às relações de saber, poder e processos de subjetivação, ou seja, é uma máquina de produção de subjetivação, atravessado por linhas de saber e poder. O dispositivo pode ser entendido como uma máquina de produção de discursos e de ações-relações, em que se faz “falar” e se faz “ver”, produzindo enunciações, visibilidade distintas, acontecimentos e modos de ser (DELEUZE, 2018, s/p.).

A ideia inicial previa que nas oficinas seriam trabalhados “temas geradores” que estivessem articulados com debates presentes na sociedade, tais como globalização, emprego/trabalho, arte/cultura, questões raciais, gênero, homofobia, educação solidária, meio ambiente/sustentabilidade, linguagens, tecnologias, movimentos sociais, entre outros, os quais seriam trabalhados a cada bimestre.

O primeiro tema gerador foi intitulado “Eu no mundo”, que tinha como subtema “Identidades” a ser desenvolvido no primeiro bimestre,

¹ A escola chamava-se Escola Municipal Acerbal Pinto Malheiros e, por meio do projeto de lei N° 144/2021, em vigor desde 21 de junho de 2021, passou a chamar-se Escola Municipal Mônica de Andrade Ribeiro. O intuito foi homenagear e reconhecer a memória da Professora Mônica de Andrade Ribeiro, então diretora da escola, que foi uma das vítimas na pandemia de covid-19.

e o subtema “Trabalho” no segundo bimestre. Esses temas foram escolhidos para início da ação por entendermos que seriam importantes para os estudantes da EJA e coerentes com a apresentação da nova abordagem.

Para o subtema “Identidades” foram desenvolvidas oficinas sobre etnia, gênero, família e religiosidade, e para o subtema “Trabalho” foram propostas oficinas que abordavam questões como entrevista de emprego, elaboração de currículo e teste vocacional.²

As atividades do projeto tiveram início em 2017, pactuada com a direção e professores e prevendo a suspensão das aulas nos dias das oficinas que, naquele momento, contavam com periodicidade quinzenal, alternando sua realização em diferentes dias da semana, e oferecidas entre três e cinco atividades simultâneas, para que os estudantes pudessem escolher aquelas que mais interessavam. Paralelo ao trabalho das oficinas, cada professor em sua disciplina específica trabalharia os subtemas em sala de aula, articulando-o com o conteúdo a ser ministrado.

Além das oficinas, organizamos idas ao teatro, às atividades culturais que acontecem na cidade e às atividades que são promovidas na universidade (semanas acadêmicas, visitas aos laboratórios, à biblioteca, etc.)³. Outro objetivo importante do projeto é promover um laço dos estudantes da EJA com a universidade, que compreendam este espaço como seu também, e que existem formas de acesso aos cursos presentes em nosso Campus.

O público da EJA é bastante heterogêneo e, para conhecê-lo um pouco mais, realizamos⁴ uma pesquisa para conhecermos aspectos sociais e culturais da vida desses estudantes. De caráter quantitativo e descritivo, o estudo foi realizado no final de 2017, por meio de um questionário com 69 questões objetivas; do universo de 125 alunos matriculados à época, 83 (66%) responderam ao questionário.

Oriundos das classes populares, a maioria dos estudantes autodeclararam-se negros; havia uma grande parcela desempregada ou atuando na informalidade possuindo renda de até um salário-mínimo.

A família, a igreja e a escola apareceram em todas as respostas como instituição importante no processo de sociabilização. A maioria vivia em grupos familiares de até quatro pessoas e 83% se declararam não naturais do município. Sabendo que a cidade tem uma forte influência petrolífera, o aumento populacional naquele período apareceu como fruto dos postos de emprego no campo do petróleo. Sobre a escolaridade dos familiares, os respondentes informaram que as mães possuíam grau de escolaridade (ensino fundamental) maior do que o dos pais.

Como efeito da política municipal de sugerir aos estudantes acima de 15 anos fora de sua série-idade que continuem seus estudos na EJA, a população estudada revelou maioria de jovens de até 19 anos, sendo predominantes as pessoas que se identificaram com

² Oficinas realizadas no primeiro semestre de 2017: Trabalho e identidade, Corpo e imagem, Yoga, Experiências sinestésicas; A arte de contar histórias através da costura e do bordado; Visita ao Teatro Popular de Rio das Ostras - Decameron: a comédia do sexo; Identidade afro-brasileira e juventude; Uma conversa sobre beleza e fotografia; Brinquedos e brincadeiras antigas; Gênero e diversidade; EJA: eu no trabalho; Ofício do profissional de produção cultural; Roda de conversa: planejando as oficinas na escola; Convivendo com as diferenças; Da cabeça aos pés; Desigualdade, gênero e trabalho; A atividade profissional dos transportadores de carga no Brasil; Cine-debate “Tempos Modernos”; Por uma postura corporal melhor; Neurociências e as mudanças da vida; Relações humanas e trabalho; Criando meu curta-metragem.

o gênero feminino, indicando também dominância na identificação com a orientação heteronormativa.

Perguntados sobre a estrutura da escola, os estudantes avaliaram como “ótima” ou “boa”, avaliando positivamente também o trabalho dos professores. Em relação ao projeto, a ótima avaliação indicou a possibilidade de continuação, uma vez que os participantes consideraram que existiu uma conexão entre as atividades das oficinas e os conteúdos trabalhados pelos professores em sala de aula, em especial nas disciplinas de Português, História e Ciências.

Estes dados orientaram a apresentação de um único tema para o segundo semestre de 2017, intitulado “Minha vida, sua vida, nossa vida”⁵, e marcou o início do engajamento de alguns estudantes da EJA no desenvolvimento das oficinas.

Naquele ano, destacamos a realização da Oficina de gênero e diversidade sexual, que surgiu a partir de atitudes homofóbicas reveladas dentro da escola. Alguns integrantes da equipe⁶ planejaram uma oficina, que se daria em quatro encontros com temas pré-definidos e interligados, com o objetivo

de debatermos tais questões na escola. Os temas eram: I) o sexo biológico como determinante de gênero, a fim de problematizar a temática de gênero e sua percepção no cotidiano; II) a desigualdade de gênero ditada pelos papéis sociais, debatendo sobre o universo das profissões e o mercado de trabalho; III) identidade de gênero, visando problematizar situações de violência e as possíveis formas de enfrentamento; e IV) violências de gênero representadas no cotidiano como fomentam a diversidade e as situações de violência dentro da escola.

De modo lúdico, o grupo que promoveu essa oficina buscava utilizar colagens, brinquedos, fotografias, desenhos, recursos audiovisuais (curta-metragens, documentários, filmes, etc.), além de tomar de empréstimo elementos do Teatro do Oprimido, utilizado como estratégia no terceiro encontro.

Em suas análises sobre a experiência, Toledo (2017) aponta que ficou clara uma confusão com o assunto entre os participantes da oficina, que esperavam da equipe uma direção sobre o tema. Muitos não tinham clareza sobre a definição de gênero e as questões que giram em torno desta temática, como a heteronormatividade, a naturalização da violência e

³ Em 2017, além da apresentação do projeto pelos alunos bolsistas, integramos a programação com duas oficinas produzidas por uma professora e outra, por um estudante da EJA, respectivamente: “Oficina de introdução ao estudo de Libras” e “Roda de conversa: filosofia budista”, em conjunto com a agenda acadêmica da UFF.

⁴ Raja Khalil Gebara Novaes, estudante de Serviço Social, sob orientação do professor Bruno Ferreira Teixeira (Departamento Interdisciplinar - RIR - Curso de Serviço Social). A pesquisa foi realizada nos dias 4, 5 e 6 de julho de 2017 e contou com a colaboração dos demais membros da equipe na aplicação dos questionários.

⁵ Oficinas realizadas no segundo semestre de 2017: Conhecendo o ciece; Álcool e outras drogas; Introdução ao curso básico de libras; A educação ambiental no ensino da geografia; Participação da EJA no III Encontro de contos e contadores de histórias de Rio das Ostras; Cine-debate filme “O aluno”; Produzindo mandalas; Cine sobre gênero e diversidade sexual; Drogas: políticas proibicionistas e redução de danos; Saúde, economia e ecologia; Movimentos sociais da cidade e região; Gênero e sexualidade; Narrativas des-contruídas; A organização estudantil - grêmio livre!; Ocupações estudantis - #ocupatudo; “Acabou a paz: isso aqui vai virar o chile”.

⁶ O grupo que desenvolveu a oficina foi composto por Laís Mendes Toledo, Ana Flávia Souza Carvalho, Shanykka Rojas, Jaqueline Nascimento e Matheus Vinicius Silva Dreys.

a homofobia. Contudo, houve uma intensa participação dos estudantes da EJA nesta oficina ao longo de todo o ano.

A conclusão dos encontros previstos para esta oficina culminou com o encerramento do ano letivo e a integralização do curso de graduação de alguns membros da equipe, que transformaram a experiência dessa atividade em objeto de análise de seus trabalhos de conclusão de curso⁷.

Ao iniciarmos o ano letivo de 2018⁸, recebemos a demanda pela continuidade da ação por parte de uma estudante da EJA que havia participado de todos os encontros da Oficina de gênero e diversidade.

Convidamos esta estudante para integrar a equipe do projeto, assumindo papel de direção e orientação sobre o funcionamento das oficinas e na orientação dos temas. A continuidade do trabalho deu-se sob o título “A sexualidade do outro te incomoda?”, em formato de roda de conversa. As vivências de cada um eram o ponto de partida para as reflexões construídas coletivamente e que tinham como finalidade “(...) criar um movimento de fortalecimento da população LGBTQIAPN+ naquele território” (CARVALHO, 2018)⁹.

METODOLOGIA DO PROJETO - OFICINAS

O principal objetivo do projeto é fomentar o diálogo de maneira que possibilite lidar com

o processo de formação dos sujeitos da EJA, a fim de exercerem maior participação social dentro e fora da escola, atuando como protagonistas da ação educativa. Assim, a metodologia utilizada pelo projeto é feita por meio das oficinas, trazendo o fomento para pensar a educação a partir da noção de experiência.

Bondía (2002), citando Walter Benjamin, aponta como característica do mundo atual a pobreza da experiência. Na “sociedade da informação” o que prevalece é o conteúdo esvaziado de sentido e distante das vidas dos sujeitos. A informação ocupou o lugar do pensamento e da criação; ela desimplica os sujeitos da possibilidade da reflexão, pois seu conteúdo neutro e editado tornou-se verdade incontestável. Os conteúdos ministrados na escola podem ser associados à informação, e são tratados como verdades e necessários para alcançar o diploma, transmitidos e reproduzidos mecanicamente.

A informação não é experiência, não deixa lugar para a experiência. A informação cancela nossa habilidade de experiência. É necessário separar experiência da informação para desfazer a enganosa ideia que o conhecimento se dá sob a forma de informação, como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação (BONDÍA, 2002, p. 21).

Para o autor, o sujeito da experiência não é o sujeito da informação, não é o sujeito da opinião, mas “[...] território de passagem, super-

⁷ Ver Toledo (2017) na Referência Bibliográfica. Outros dois trabalhos de conclusão de curso foram produzidos: “Machismo na escola: refletindo a questão de gênero na educação com alunos da modalidade EJA”, da estudante de Serviço Social Jaqueline Nascimento Ribeiro, e “A homofobia nas escolas: educação como método de intervenção”, do estudante de Psicologia Matheus Vinicius Silva Dreys, ambos os defendidos em 2017.

⁸ Equipe em 2018: Ana Flávia Souza Carvalho, Emily da Conceição Santana, Larissa de Carvalho Silva, Rafael Gouvea Damásio, Shanykka Queiroz Rojas, Sulla Rodolpho Pinto, Thaís Espindola, Bruno Vale Nobre Batista, Diego Almeida Cordeiro, Raja Khalil Gebara Novaes, Vitoria Xavier Gorman, Jorge Luiz Caetano da Silva, Isabela Cristina Siqueira, Carina Marins dos Santos Pinto. A equipe ainda contou com uma estudante do ensino médio, bolsista Jovens Talentos/FAPERJ.

⁹ O grupo que ficou responsável pelo desenvolvimento desta oficina no ano de 2018 foi composto pelas alunas Ana Flávia Souza Carvalho, Shanykka Rojas e Thaís de Almeida Espindola.

ficie sensível que aquilo que acontece, afeta de algum modo, produz afetos, inscreve marcas, deixa vestígios, alguns efeitos” (BONDÍA, 2002, p. 24). A experiência é aquilo que constitui o próprio corpo que engendra um olhar sobre o mundo orientando nossas ações. O sentido da educação, então, deve ser este de afirmar a experiência como potência criadora, promovendo encontros que afirmam a vida em sua diversidade. A experiência é rara, singular, e isto quer dizer que implica uma necessária abertura ao outro, às diferenças, ao coletivo-em-nós.

Constituído por estudantes e professores de diferentes campos do conhecimento, da escola e da universidade, o projeto também conta com a colaboração de pessoas da comunidade local, configurando-se como lugar de encontro de múltiplos saberes, olhares e fazeres, promovendo um diálogo entre esses atores com a escola, a EJA, a formação, a universidade, o cotidiano. Ou seja,

O que se pretende com o diálogo (...) é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 1977, p. 52).

O diálogo entre sujeitos ativos estabelece a produção do conhecimento não de modo tutelado e verticalizado, mas pela solidariedade e participação em sua produção. Este é um sentido que se pode atribuir à extensão universitária, partindo do pensamento de Paulo Freire (1977), em oposição às práticas assistencialistas que a caracterizaram em outros momentos históricos.

Desfazendo em nós os “muros” que marcam a relação universidade-sociedade, a extensão pode ser pensada como espaço de formação e

instrumento político para provocar deslocamentos nos processos formativos de estudantes, professores e todos aqueles implicados em tais ações, ultrapassando a disciplina conteudista da sala de aula e o especialismo da pesquisa, assim evidencia o caráter múltiplo e polifônico da produção de conhecimento. Desse modo, deslocamentos são produzidos no espaço institucional que acolheu o projeto, mas, antes de tudo, em nós mesmos.

Estabelece-se uma ética que, diferente dos processos de individualização contemporâneos, tem como efeito a possibilidade de criarmos outras redes relacionais e nos entendermos como elemento delas. Paradoxalmente, quanto mais autônomo o sujeito, mais engajado em uma coletividade, que é protagonista na produção de suas regras, na análise de suas dificuldades e problemas, e na criação de estratégias e soluções.

Para o autor da Análise Institucional, Gregório Barembliitt (1992), as escolas devem propiciar nos coletivos tais processos. Esta “gestão da vida” não é feita de fora para dentro, nem de cima para baixo, mas a partir da percepção de pertencimento em um coletivo, e isto só é possível na experiência. Instaure-se, então, uma experiência ética, coletiva, múltipla, heterogênea, polifônica, crítica, que faz problema sobre como vivemos a vida e sobre como podemos vivê-la de outras maneiras.

Essa análise vai ao encontro da tese apresentada por Candau (1999) sobre a prática de oficinas caracterizada pela “construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências” (p. 23). Ou seja, o saber não se constitui apenas no resultado final, mas principalmente no processo de aprendizagem e na construção coletiva do conhecimento.

Neste sentido, promovemos ações integradas a outros projetos de extensão, como a visita ao Quilombo da Machadinho, no município de Quissamã, projeto coordenado pela professora Maria Raimunda Penha Soares (Departamento Interdisciplinar - UFF-CURO) e a exibição do documentário “Fora de Série”, contando com a presença do diretor e produtor, o professor Paulo Carrano (Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF). Contamos com a colaboração da médica veterinária Luciene Santiago, que promoveu oficinas objetivando a conscientização ambiental e o desenvolvimento de ações de limpeza nas praias locais, realizadas no ano seguinte.

Assim, entendemos que a escola pode se tornar um espaço de práticas da cultura popular, dos guetos, erudita, enfim, de toda prática coletiva que congregue e articule com a comunidade local.

MUDANÇAS NO PROJETO

No ano de 2019¹⁰, foi necessário reformular o projeto em função das demandas feitas pelos estudantes da EJA por meio de um levantamento realizado em 2018. Primeiro, as oficinas simultâneas ocorreriam uma vez por mês, sendo intercaladas com uma atividade cultural/artística coletiva. Segundo, além das oficinas “pontuais”¹¹, pensamos em privile-

giar as atividades que chamamos de “contínuas”, ou seja, oficinas que previam um número maior de encontros, percorrendo todo o ano letivo.

Iniciamos este ano com a proposta da criação da horta orgânica escolar-comunitária, pensada a partir da lógica da economia sustentável, proposta pelo ex-estudante da EJA Adão Nunes e pela estudante de Psicologia Paloma Queirós. A necessidade desta atividade pode ser apreendida pela íntima relação entre o humano e a terra, como exposto no texto de Adão e Paloma:

A desvinculação do “Homem” dos processos de produção e trato com a terra tem tornado a sociedade cada vez mais consumista e apartada do contato com a produção de alimentos saudáveis. Hoje, o excesso de industrializados e o consumo de alimentos transgênicos ou cultivados a partir do uso de pesticidas e agrotóxicos usados em produções de grande escala têm causado grandes problemas na saúde das pessoas, além de, cada vez mais, representarem grande parte nos gastos das famílias (NUNES e QUEIRÓS, 2019, p. 1).

Esta oficina teve como objetivo formar um grupo comprometido com a implantação e manutenção da horta na escola, para trabalharem também com os alunos dos anos iniciais nos turnos da manhã e tarde, visando desenvolver o contato próximo com a

¹⁰ Membros da equipe em 2019: Aline Soares Teixeira Santos, Leidiane da Silva Ribeiro, Emily da Conceição de Santana, Iasmin Oliveira dos Anjos, Bruno Vale Nobre Batista, Ludmilla Leite dos Santos, Diego Almeida Cordeiro, Vitória Xavier Gorman e Élide Borges. Contamos também na equipe com Adão Nunes, ex-estudante da EJA, e a médica veterinária Luciene Santiago.

¹¹ Oficinas “pontuais” em 2019: visita ao Teatro Popular de Rio das Ostras: peça - Um monólogo para duas atrizes; Percussão corporal; Momento cultural do Acerbal; 6º sarau de poesia da EJA; Espaço solte suas feras; Espaço do RAP; Inauguração da Bibliofeira, nossa biblioteca geladeira; Ação de coleta de plástico e conscientização da população na praia de Costa Azul; UFF de Portas Abertas; Falando sobre drogas; Pintura em garrafas; Discutindo letras de RAP; Projeto EJA-UFF ocupa a praça; Festa do pastel e 2ª Mostras cultural do Acerbal; Visita ao Laboratório do Anatômico - UFF; Caminhada no Parque Municipal de Rio das Ostras; Oficina Jogo Africano; Oficina Autoestima; Aula de robótica; Oficina debatendo sobre drogas; Noite da EJA no Teatro Popular de Rio das Ostras - peça - A vez das borboletas; Oficina de artesanato e reciclagem; Oficina Racismo, juventude e identidade afro-brasileira; I Fórum de Mulheres na Ciência na Bacia de Campos (participação das estudantes da EJA); Preparando um bolo de fubá coletivo na EJA; Oficina sobre meritocracia; e Seresta da EJA.

natureza, reconhecendo seus processos cíclicos característicos do plantio e cultivo de alimentos.

Outra oficina desenvolvida neste mesmo ano foi a Tecendo linguagens: com leitura dramatizada e discussão sobre o texto e prática de algum tipo de arte manual, da professora Christiane Sheyla, que propôs esta atividade a fim de desenvolver o prazer da estética artística pela apreciação de textos literários e produção de trabalhos manuais. De acordo com a proponente:

É inegável a importância da arte na formação do Ser. É por meio da arte que nos conectamos com nossa essência interior, aprendemos sobre o mundo e sobre nós mesmos. Por isso a arte e a fruição estética são essenciais na formação da humanidade e devem estar presentes em todas as fases da vida (MATTOS, 2019, p. 1).

Em nossas parcerias, contamos com a colaboração da estudante de Enfermagem Élide Borges, que, sob orientação da professora Alcina Nicol (Fiocruz), realizou a oficina “Conversando sobre infecções sexualmente transmissíveis”, compartilhando informações sobre as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). De acordo com Borges e Nicol (2019), discutir a sexualidade é questão importante,

[...] pois a desinformação contribui para o aumento da vulnerabilidade das ISTs. Desta forma a informação através de ações educativas intersetoriais, se faz necessário para a população em geral, principalmente para adolescentes e jovens o qual as relações sexuais têm iniciado mais cedo e com um maior número de parceiros, o que contribui para aumentar a ocorrência e persistência das ISTs. Devido à dificuldade das pessoas em identificar os sinais e sintomas, e da falta de um sistema de rastreamento eficaz para detecção precoce destas infecções, as ações de

informação em saúde sexual nas escolas são de alta importância científica e está inserida nas prioridades do Ministério da Saúde (BORGES e NICOL, 2019, p. 1).

Os estudantes também demandaram temas sobre políticas públicas e, por entendermos como elemento fundamental a intersectorialidade entre as políticas sociais, foi criada uma oficina intitulada “Bate Papo sobre Políticas Públicas”, desenvolvida pelos estudantes membros da equipe Bruno Nobre, Vitória Gorman e o professor Bruno Teixeira.

Esta oficina realizou uma série de encontros em que os temas abordados giraram em torno das diversas políticas públicas existentes: saúde, assistência, previdência, segurança pública, uso e abuso de álcool e outras drogas, entre outras. Assim, podemos salientar a necessidade do debate pelo trecho:

Em 2018, se celebraram 30 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988, denominada de “Constituição Cidadã”, reconhecida uma legislação que efetivou uma série de avanços nas políticas públicas. Nesse sentido, essa oficina se justifica pela importância de celebrarmos marco tão importante na trajetória das políticas públicas brasileiras, assim como pela necessidade de debatermos sua implementação, com o intuito de levar os participantes a refletirem sobre este processo (TEIXEIRA et al, 2019, p. 1).

Dentro de cada ação, pretendeu-se promover o compartilhamento de informações sobre os serviços públicos oferecidos no município, convidando profissionais das áreas para tal tarefa, promover a reflexão crítica sobre o cotidiano escolar e a totalidade social sobre o dia a dia dos sujeitos, bem como uma aproximação dos alunos e profissionais da EJA aos serviços públicos prestados na região.

AÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Depois do ano de 2020, não podemos mais contar nossas histórias sem um “antes e depois” da pandemia de covid-19. O “antes” foi relatado neste breve artigo, no entanto, temos dúvidas se temos, no momento, condições para compreender o “depois”, uma vez que ainda vivemos o luto coletivo e todas as outras perdas econômicas e sociais derivadas deste período.

A escola e a universidade foram duramente atingidas, com os cortes de verbas e ofensivas de desmonte das políticas públicas do governo de então. Houve alta taxa de evasão na escola, pois os estudantes da EJA precisaram dar atenção ao mais urgente e emergencial – a vida. Os professores foram obrigados a dobrar sua carga de trabalho, sendo esta categoria um dos alvos do desrespeito e ataques de toda ordem. Na universidade, no campus do interior, os estudantes não retornaram para o início do semestre, e muitos trancaram suas matrículas em função da necessidade de ajudarem suas famílias, buscando atividades de trabalho. As aulas remotas, estratégia encontrada emergencialmente, promoveram alguma forma de conexão, mas sem presença física.

Em nosso projeto, inventamos atividades para, ao menos, continuarmos ligados, como grupo de estudos e reuniões remotas. Também realizamos um evento chamado “Diálogos com a EJA”, com convidados inspiradores, como o professor Miguel Arroyo. Neste evento, contamos com a participação de professores de outras turmas de EJA de escolas da região da baixada litorânea e também de outros estados, experiência bastante rica que ampliou nosso campo de estudos e nosso horizonte.

Ao retomarmos as atividades presenciais, no ano de 2022, compreendemos que precisaríamos compor novos laços entre nossa equipe e todos da escola, afinal ninguém era mais o mesmo! Assim, iniciamos o ano com uma grande roda de conversa com os estudantes e professores da EJA; ouvimos, falamos, levantamos temas, ideias e caminhamos durante todo esse ano com a vontade de construir novos vínculos a partir do trabalho com as oficinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com oficinas na turma de EJA tem reafirmado a possibilidade de modificação do espaço escolar, bem como a afirmação de uma outra maneira de pensar e construir o processo formativo. Os estudantes e professores da EJA (aqueles “fora de série”) implicam-se neste processo como sujeitos ativos ao compartilharem seus saberes e estarem abertos à pluralidade de ideias.

Em relação à universidade – pública, gratuita e de qualidade – a certeza do necessário engajamento político nas diferentes realidades sociais nas quais está inserida, entendendo por político tudo aquilo que transforma, que muda o sentido ou a direção de alguma coisa, que faz emergir novos horizontes e potencialidades.

Nesse sentido, reiteramos o título deste trabalho – “Experiências de Formação Humana” – na perspectiva de uma ação da práxis, ou seja, sabendo que a práxis compõe a ação de transformação e suas mediações. O projeto tem como um dos seus elementos o fomento à transformação humana por meio de todos os elementos expostos neste artigo.

Ao longo deste trabalho podemos visualizar as relações diretas entre a junção de teoria

e prática, sejam pelas oficinas, trabalhos de conclusão de curso e relações diretas entre todos os atores que compõem o projeto. Tais ações corroboram para uma transformação que só pode ser obtida extrapolando os conhecimentos técnicos presentes no âmbito acadêmico.

Vemos, por exemplo, que o projeto não atua sobre uma base teórica fechada pautada em um conhecimento específico e engessada em si mesma, e que a relação dos múltiplos saberes reúne bases que vão desde a própria potencialidade do aluno sobre a sua percepção do mundo até os conhecimentos universitários,

buscando assim promover uma valorização e universalização do saber humano.

Para os estudantes da universidade, é momento de expansão do processo formativo, de encontro com a realidade que é comum a muitos estudantes de um campus do interior, ainda que com um olhar crítico para realidade e nossa implicação com o que fazemos. Para os estudantes da EJA, é afirmação da sua existência como sujeito no mundo, afirmação de suas histórias e daquele espaço como coletivo e solidário, experimentação da potência transformadora contida na educação, assim como nos ensina Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

- BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- BONDÍA, J. L. **Notas sobre experiência e o saber de experiência**. Em: Revista Brasileira de Educação, nº 19, jan/fev/mar/abr, 2002, pp. 20 - 28. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>, acessado em 20 de outubro de 2019.
- BORGES, E. e NICOL, A. **Conversando sobre infecções sexualmente transmissíveis**. Proposta de oficina apresentada ao PROJETO EJA-UFF, 2019.
- CANDAU, V. M. Educação em Direitos Humanos: uma proposta de trabalho. Em: CANDAU, V. M., ZENAIDE, M. N. T. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos, João Pessoa: Programa Nacional de Direitos Humanos; Secretaria da Segurança Pública do estado da Paraíba; Conselho Estadual da Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão**. João Pessoa, PB, 1999.
- CARVALHO, A. F. *et al* **Palavras que circulam: análise da formação a partir das oficinas de gênero e sexualidade**. Comunicação oral. Trabalho apresentado no V Congresso Brasileiro Psicologia Ciência e Profissão realizado de 14 a 18 de novembro de 2018.
- DELEUZE, G. **O que é um dispositivo?** Disponível em <http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/> acessado em 16 de outubro de 2018.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977
- MATTOS, C. S. M. *et al* **Quem são as (os) alunas (os) da EJA?** Compartilhando saberes e práticas. Comunicação oral. Trabalho apresentado no V Congresso Brasileiro Psicologia Ciência e Profissão realizado de 14 a 18 de novembro de 2018.
- MATTOS, C. S. M. **Protagonismo na EJA: um estudo sobre a implantação de oficinas em uma escola municipal de Rio das Ostras**. Projeto de Mestrado, 2016.
- MATTOS, C. S. M. **Tecendo linguagens**. Proposta de oficina apresentada ao PROJETO EJA-UFF, 2019.
- NOVAES, R. K. G. **Quem são? Resultado de uma pesquisa sociocultural dos alunos matriculados na EJA de uma escola municipal em Rio das Ostras**. Trabalho apresentado na VII Semana de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense. Rio das Ostras, 2018.
- NUNES, A. e QUEIRÓS, P. **Horta orgânica escolar-comunitária: pensando a economia sustentável e a sustentabilidade do ser**. Proposta de oficina apresentada ao PROJETO EJA-UFF, 2019.
- TEIXEIRA, B. F. *et al* **Bate papo sobre políticas públicas**. Proposta de oficina apresentada ao PROJETO EJA-UFF, 2019.
- TOLEDO, L. M. **Gênero, sexualidades e educação: Uma pesquisa ação sobre oficinas de gênero no programa de Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Acerbal Pinto Malheiros no município de Rio das Ostras-RJ**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Graduação em Psicologia. Universidade Federal Fluminense - Campus Universitário de Rio das Ostras, 2017.